

## MÁSCARAS NA ESCOLA – UMA PROPOSTA DE ESTUDO NO PIBID-ARTES VISUAIS/UFPEL

DENISE CASTANHA DE AVILA DE LEMOS<sup>1</sup>; MARISTANI POLIDORI  
ZAMPERETTI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - UFPel – denlemos@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - UFPel – maristaniz@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente texto busca refletir sobre a identidade cultural do Brasil através do contato com uma atividade comum entre índios e africanos que povoaram o país: a confecção de máscaras. Este trabalho faz parte das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto Pibid – Artes Visuais, da Universidade Federal de Pelotas, nos anos de 2014 e 2015. Visa discutir as influências culturais brasileiras, fazendo um resgate da cultura e identidade indígena e negra, que se perderam ao longo dos anos, guardadas em segundo plano a partir de uma concepção de estilo educacional eurocêntrico, que tem predominado em nossa história (CARLOS DA SILVA, 2013). A atividade de realização de máscaras remonta à antiguidade, quando esses materiais eram utilizados em diferentes momentos, como nos rituais religiosos de iniciação e festas (KLINTOWITZ, 1986). Sabendo que o nosso país foi povoado por várias etnias, destacamos essas duas que ficaram esquecidas e, de certo modo, marginalizadas pela sociedade. Dentro deste trabalho, buscamos discutir a temática indígena a partir do contexto histórico e cultural, através da confecção de máscaras com materiais reciclados e de fácil acesso aos estudantes. Com esta proposição, buscamos também auxiliar na construção do senso crítico dos alunos em relação a sua identidade e formação cultural, rompendo com preconceitos existentes em nossa sociedade. A metodologia do trabalho consiste em realizar oficinas de construção de máscaras com material reciclável, como jornais e caixas de papelão. Esta atividade é aplicada nas escolas estaduais atendidas pelo projeto Pibid e outras, a pedido, nas quais trabalhamos com os alunos a conscientização e a noção de respeito e diversidade. Até o momento já foram realizadas quatro oficinas, sendo uma entre os bolsistas do PIBID e as demais nas dependências das escolas e no Museu Leopoldo Gotuzzo (MALG/UFPEL). A cada oficina realizada, nos sentimos satisfeitos com o retorno que recebemos dos alunos que participaram, estabelecendo um clima de interação e respeito entre todos, durante a criação das suas máscaras.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia do trabalho consistiu em realizar oficinas de construção de máscaras com material reciclado, utilizando jornais, caixas de papelão e diferentes papéis. A partir do rosto foram configuradas e modeladas as máscaras.

Esta atividade foi aplicada em escolas estaduais, situadas na cidade de Pelotas, RS, no âmbito do projeto Pibid – Artes Visuais, da Universidade Federal de Pelotas, em 2014 e 2015.

Na primeira oficina, realizada com os bolsistas do Pibid foi apresentado e aplicado o projeto. No encontro foi discutida a atual situação dos povos indígenas no país, bem como as suas influências na cultura do Brasil. Na sequência,

discutimos as maneiras de aplicação do projeto nas escolas e iniciamos a confecção de máscaras com material reciclável. Após a atividade, foram marcadas as datas com as escolas estaduais para o desenvolvimento das atividades.

Na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Joaquim Ferreira de Mello, a oficina de máscaras foi realizada em dois dias, durante a aula de Artes Visuais. No primeiro dia, mostramos aos alunos como medir seus rostos para fazer as máscaras, logo após começamos a construir a base destas. Após, fomos colando camadas de jornal em tiras até que as máscaras adquirissem consistência, utilizando a técnica da papietagem. Explicamos que após as máscaras ficassem prontas precisaríamos de um tempo para secagem e combinamos o dia da próxima oficina, porém muitos dos alunos queriam pintá-las, sem concluir o tempo necessário para secagem dos papéis. Após uma semana, retornamos para o término das máscaras. Notei que muitos não lembravam qual era sua máscara, outros ficaram surpresos com o resultado do trabalho, pelo fato das máscaras estarem rígidas como madeira. Para este momento da oficina começamos trabalhando com as cores primárias, destas, formamos as secundárias e terciárias e, após, cada aluno começou a pintar suas máscaras, a partir de escolhas pessoais de cores. Conseguimos colocar as máscaras para secarem ao sol enquanto conversávamos sobre a realidade dos indígenas brasileiros nos dias atuais e as diversidades culturais de nosso país.

No final da oficina tiramos fotos com a turma e suas máscaras. Neste momento cada um falou sobre o desenvolvimento da atividade. Os relatos foram muito positivos, pediram para que voltássemos com outras oficinas, e duas alunas relataram que tinham feito máscaras em suas casas com o mesmo material e que adoraram a técnica. Entendemos desta forma, que o conhecimento adquirido na oficina possibilitou que estas alunas extrapolassem os limites da escola, levando estas aprendizagens para o seu ambiente familiar.



**Figura 01** Colagem de imagens capturadas na 2ª Oficina na EEEF Dom Joaquim Ferreira de Mello

No Museu Leopoldo Gotuzzo (MALG/UFPEL) , aplicamos a oficina de máscaras para alunos da Escola Municipal Ministro Fernando Osório, que neste

local tiveram, no primeiro momento, uma visita mediada à exposição na Galeria Principal e logo após começamos o desenvolvimento da oficina. Os alunos gostaram da atividade, principalmente por ser dentro do museu, mas os alunos queriam levar suas máscaras, mesmo estando molhadas. Uma semana após, fomos à escola, os alunos identificaram suas máscaras e começaram a pintar com cores vibrantes e formas sugestivas. Recordamos a visita do museu, e debatemos assuntos sobre a vida do povo indígena nos dias atuais.

Recebemos da mesma forma, no Museu Leopoldo Gotuzzo, os alunos da Escola Estadual Francisco Simões, que após visita mediada na Galeria Principal, passaram para a sala de oficinas, onde propusemos um trabalho com máscaras africanas, atividade que foi sugerida pela professora da turma. Nesta oficina trabalhamos com caixa de papelão e pintura com têmpera. Todos participaram. Durante a atividade passamos um vídeo sobre as máscaras africanas e logo após fizemos uma roda de conversa sobre o tema. Os alunos entenderam que, valorizando a cultura do povo africano e sua contribuição artística para a humanidade, é possível que as pessoas possam aprender a respeitar e exercer sua cidadania, tornando-os responsáveis pelas próprias ações cotidianas. Neste sentido, Souza (2008) afirma que:

Abordar conteúdos que trazem para a sala de aula a história da África e do Brasil africano é fazer cumprir nossos grandes objetivos como educadores: levar à reflexão da diversidade étnica, gerar debates, estimular valores e comportamentos de respeito, solidariedade e tolerância. E é também a oportunidade de levantar a bandeira de combate ao racismo e às discriminações que atingem em particular a população negra, afro-brasileira e afro-descendente (SOUZA, 2006, p. 10).

A máscara é uma das formas artísticas mais conhecidas na arte africana e representa, para aquele povo, um processo de transformação, o qual tem um papel sagrado em suas representações (MONTI, 1992). As crianças entenderam a proposta e criaram várias máscaras que lembravam figuras africanas. Conforme sugere Zamperetti (2010, p. 72), “[a] identificação de semelhanças e diferenças presentes nas máscaras pode permitir ao indivíduo o reconhecimento da diversidade e/ou da pluralidade existentes nas manifestações artísticas das culturas”. Pode-se concluir desta maneira, que o próprio homem é o elemento coincidente em todas as máscaras criadas pelos alunos participantes destas oficinas, constituindo-se em fator presente e comum a toda essa diversidade de representações, aproximando os universos pessoais da multiplicidade presente nas culturas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as oficinas de máscaras observamos que, apesar de termos grande adesão e participação dos alunos, alguns evitaram ingressar no início da atividade, justificando ser um trabalho que não gostavam. Porém, ao verem os colegas desenvolvendo as atividades, mudaram de opinião e se interessaram em confeccionar as máscaras demonstrando dedicação ao trabalho. Afirmaram, depois, que gostaram de experimentar a técnica, e após perceberem que poderiam utilizá-las como forma de expressar suas ideias e emoções, surpreenderam-se com a própria criatividade, ao evidenciarem, em suas

máscaras, habilidades e talentos desconhecidos para eles. De igual forma, outros declararam ter “[...] gostado muito das oficinas”, e assim, recebemos relatos de alunos que produziram máscaras em casa, posteriormente aos trabalhos, em grupo, e também vários pedidos para que retornássemos com outras oficinas. A ornamentação das máscaras levou os alunos a experimentarem misturas de tintas, criarem novas cores e executar desenhos inusitados.

#### 4. CONCLUSÕES

O presente trabalho uniu todos os alunos em um único objetivo: expressar-se através das máscaras, experimentando novas formas de criação com elementos diversos. A máscara foi usada nestas oficinas como uma possibilidade pedagógica, onde os alunos puderam expressar seus conhecimentos prévios e outros adquiridos, durante as conversas e vídeos que assistiram. Tal experiência contribuiu para nosso avanço como futuros professores, aprofundando nossas experiências pedagógicas, motivando a organização de atividades e aulas que sejam significativas e criativas para a aprendizagem dos alunos. Valorizou a história e cultura dos povos indígenas e africanos e contribuiu no ensino e aprendizagem de todos envolvidos.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOS DA SILVA, Luiz Walter. **Resgate Histórico e Cultural Afro-Brasileiro: contribuição para a construção da Identidade Nacional**. Artigo de conclusão Pós-graduação em Arqueologia Brasileira; Belford Roxo, RJ. Instituto de Arqueologia Brasileira, Faculdade Redentor; 2013.

KLINTOWITZ, J. **Máscaras Brasileiras**. São Paulo: Rhodia, 1986.

MONTI, Franco. **As máscaras africanas**. Trad. Luis Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SOUZA, Marina de M. e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006.

ZAMPERETTI, Maristani Polidori. **A Arte e o saber de si no uso pedagógico das máscaras – práticas e pesquisa na sala de aula**. Contrapontos (UNIVALI), v. 10, p. 65-73, 2010. Disponível em: <http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/issue/view/135> Acesso em: 28 nov. 2015.